

Dossiê
América Latina:
novos desafios, novas análises

A ocupação do Caribe e o xadrez da dominação mundial*

Ana Esther Ceceña*

Resumo:

Este artigo trata da presença militar norte-americana no Caribe, reforçada a partir do terremoto ocorrido no Haiti em 12 de janeiro. Aproveitando a tragédia que assola o pequeno e devastado país, o governo dos Estados Unidos redesenhou sua presença na região e aumentou o controle sobre a América Latina, com o envio de mais soldados, navios e equipamentos que lhe permitem chegar fácil e rapidamente a qualquer país que lhe ofereça resistência.

Palavras-chave: Caribe. Ocupação. Haiti. Estados Unidos. Dominação.

*Ay! Haití la negra, llorando está.
Pablo Milanés*

12 de janeiro de 2010 foi um dia de muita incerteza, mas também de muitas confirmações. Porto Príncipe, o mais próximo de um centro urbano *moderno* no país mais pobre do hemisfério ocidental, foi surpreendido por um terremoto de 7 graus de intensidade que deixou o povo, o presidente e até Deus sem casa, uma vez que o palácio presidencial e a catedral também foram destruídos.

Esse pequeno pedaço da Ilha Hispaniola, pioneiro na sublevação pela independência, debate-se hoje entre uma catástrofe econômica que o fez sumir na pobreza e destruiu sua autosuficiência em alimentos¹, uma catástrofe “natural” comparável a um bombardeio e uma nova ocupação militar que reforça sua condição de colônia.

* Tradução de Ramon Casas Vilarino. *Lutas Sociais* agradece à autora e à revista *Herramienta* por consentirem a publicação deste artigo.

** Pesquisadora do Instituto de Economia da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) e integrante do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO). Participaram da investigação do Observatório Latino-Americano de Geopolítica: Humberto Miranda, David Barrios e Rodrigo Yedra.

¹ Durante os últimos 30 anos do século XX o Haiti foi golpeado pelo neoliberalismo, como os demais países do continente, ainda que por seu passado colonial, quando toda a população autóctone foi eliminada e substituída por africanos convertidos em escravos, e pelos longos e cruéis anos de ditadura, sua fragilidade era maior. Nesse período deixou de ser autosuficiente em grãos básicos, particularmente o arroz, elemento essencial da alimentação haitiana, e passou a importar 80% do que consome. Do total da dieta alimentícia passou-se de uma produção interna de 90% à importação de 55% da mesma, com as implicações de perda de autodeterminação e de soberania. Ver Sánchez (2010).

Imediatamente após o terremoto, e apesar da presença de tropas supostamente de paz da MINUSTAH² – cuja vocação repressora não cessou nem nesses momentos –, a população haitiana se dedicou a resgatar os sepultados pelos escombros e organizou 450 campos improvisados de refugiados, levando comida e abrigo aos feridos.

Comove-nos profundamente a extraordinária solidariedade manifestada pela população da região metropolitana que durante os três primeiros dias após o terremoto soube responder através da auto-organização, construindo os campos de refugiados que contribuiram para salvar milhares de pessoas graças à forma comunitária com que compartilharam os recursos disponíveis (alimento, água, roupa)³.

A silenciosa resistência e organização do povo haitiano, que tem sido necessária para suportar a presença das tropas estrangeiras da MINUSTAH e que se forjou ao longo de muitas batalhas, algumas espetaculares e outras cotidianas, foi o que deu condições para os primeiros socorros e que segue lutando até hoje para defender a autodeterminação desse povo. A auto-organização popular, a solidariedade humana e a saturação devido a sucessivas ocupações e imposições foram a argamassa de um trabalho de resgate oportuno e consistente durante os três primeiros dias após a tragédia.

Não havia caos no Haiti, como os meios de comunicação asseguravam, mas organização popular, autônoma, não institucional. Como no terremoto do México e em tantos outros, surgiram cozinheiras e enfermeiros, acorreram os médicos cubanos, que já há onze anos trabalham apoiando o povo haitiano e que entenderam qual era sua missão naquele momento.

Porém, no quarto dia tudo começou a ser interrompido, ao mesmo tempo em que a abundante ajuda humanitária enviada pelo mundo todo continuava sem chegar aos seus destinatários. As difíceis condições do país não facilitaram a distribuição rápida. Não obstante, foi a ideia de manter sob controle a distribuição, e não a urgência de resgatar vidas, o que moveu a MINUSTAH. Soldados bem armados impediam, por “ordens superiores”, os movimentos dos voluntários e da população em busca de apoio. Não resgatavam, reprimiam e ordenavam. Com uma atitude prepotente, soberba e com a ameaça das metralhadoras, organizavam as pessoas em longas filas sob o sol para receber um pouco de água e alimento, enquanto os meios de comunicação, como sempre liderados pela CNN, mostravam imagens fora de contexto que permitiam inferir que a situação era

²Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti.

³A este respeito, consultar: Estéus; Chalmers e Fils-Aimé (2010).

de crescente caos e ingovernabilidade, o que justificava a presença militar não só dos integrantes da MINUSTAH, mas também de novos contingentes de tropas de ataque!

Ainda que no início da ocupação, em 2004, a MINUSTAH estivesse autorizada a colocar até 6.700 efetivos militares no Haiti, esse número aumentou até alcançar, em 30 de novembro de 2009, a cifra de 9.065, incluídos 7.031 soldados e 2.034 policiais apoiados por 488 funcionários internacionais, 1.212 nacionais e 214 voluntários da ONU. Essa missão, inicialmente anunciada para restabelecer as condições que fizeram possível uma nova eleição presidencial depois da saída de Jean-Bertrand Aristide, declarou, em pouco tempo, que seriam necessários vinte anos para disciplinar e estabilizar a sociedade haitiana. Com um orçamento anual médio de 600 milhões de dólares que bem serviriam para melhorar a alimentação e a saúde da população, a MINUSTAH foi denunciada pela organização inglesa *Save the Children* (*No one to turn on to, 2008*) pelas sistemáticas violações sexuais, maus tratos e incitação à prostituição de meninas e meninos haitianos, além de acusada por organizações de direitos humanos e missões de observação da sociedade civil pelos percalços e atropelos cometidos com toda impunidade em nome do restabelecimento da paz.

Usando capacetes azuis e não verde oliva para indicar que é uma força de “paz”, a MINUSTAH continua sendo um exército de ocupação sob comando brasileiro, com uma tropa proveniente de 17 países: Argentina, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, Coreia do Sul, Equador, Estados Unidos, Filipinas, França, Guatemala, Jordânia, Nepal, Paraguai, Peru, Sri Lanka e Uruguai; e um corpo policial menor, porém, originário de 41 países que são Argentina, Benin, Bangladesh, Brasil, Burkina Faso, Camarões, Canadá, Chade, Chile, China, Colômbia, Costa do Marfim, Croácia, Egito, El Salvador, Espanha, Estados Unidos, Iêmen, Rússia, Filipinas, França, Guiné, Jordânia, Índia, Jamaica, Madagascar, Mali, Nepal, Níger, Nigéria, Paquistão, República Centro-Africana, Ruanda, Romênia, Senegal, Sérvia, Sri Lanka, Suíça, Togo, Turquia e Uruguai.

Com o requisito de falar inglês, entre outros, os integrantes da MINUSTAH recebem altos salários e gozam de relativa impunidade, sustentada num código de comportamento que admite a “suspeita” como motivo de detenção, repressão ou até morte dos civis em custódia⁴.

⁴A suspeita foi se instalando como forma a justificar ações punitivas da parte das forças públicas, negando assim as atribuições das instâncias de justiça. No caso das missões humanitárias ou de paz, cujo objetivo declarado consiste em restabelecer e/ou garantir as condições para um funcionamento regular das instituições democráticas, é um total contrassenso permitir tal grau de impunidade.

A população se encontra exposta e sob ameaça de ser qualificada como suspeita – e reprimida como tal –, a critério de qualquer um dos integrantes da MINUSTAH, à mercê de seus caprichos e vontades⁵.

Mesmo assim, a MINUSTAH – e outras missões chamadas humanitárias ou de paz pela ONU – segue tendo um regime distinto ao das forças de segurança ou de guerra, às quais se encontra subordinada desde o terremoto. De fato, lançando mão da autoridade que lhe outorga a supremacia militar, é o Comando Conjunto dos Estados Unidos, lançando a Operação Resposta Unificada (Operation Unified Response) através de seu Comando Sul⁶, quem se ergue unilateralmente como chefe supremo controlando deslocamentos aéreos, marítimos e terrestres.

Nada se contrapõe a estes movimentos de xadrez do poder hegemônico que em poucas horas transformaram a geopolítica continental. À comunidade internacional, o Haiti aparece como se fosse um deserto sem capacidade de organização própria já desde 2004, e agora muito mais, parecendo aceitar que as forças armadas dos Estados Unidos são universais e que as tropas são necessárias para apaziguar esse povo indômito.



⁵Nestas circunstâncias, as violações aos direitos humanos ficam virtualmente legalizadas, diante do paradoxo de que as forças concebidas para restabelecer o que na linguagem oficial se denomina "governabilidade", na realidade impõem situações de esvaziamento do sentido de justiça.

⁶Como se sabe, o Caribe integra a Área de Enfoque (AOF) do Comando Sul, e este é encarregado de levar a cabo as operações em territórios e águas vizinhos ao Haiti.

Descartando a hipótese de que os Estados Unidos tenham provocado o terremoto⁷, o certo é que poucas horas depois do desastre já estava em solo haitiano a dramaticamente célebre 82ª Divisão Aerotransportada, responsável pelas invasões da República Dominicana (1965), Granada (1983) e Panamá (1989). Desde 26 de janeiro, o número de soldados levados até o Haiti, somando os que estão em terra e mar, soma em 03 de fevereiro o total de 12.500⁸. Ninguém sabe ao certo o que fazem os integrantes de uma brigada sabidamente ofensiva, equipada com armamento sofisticado que inclui mísseis e com capacidade de neutralizar e aniquilar forças vivas e tomar territórios em muito pouco tempo. Ou seja, trata-se de uma força de ataque de resposta rápida. Há de se recordar que em Granada e no Panamá tratava-se de operações de invasão e, agora, em princípio, de caráter humanitário.

Essa unidade, no entanto, não está sozinha. Acompanham-na nas operações duas unidades expedicionárias dos Marines, a 22ª e a 24ª, que têm uma larga experiência também em invasões ou do que eles chamam “restabelecimento da democracia”, como no Iraque e no Afeganistão. Ou seja, o pessoal realocado no Haiti para as ações previstas ou visualizadas pelo Comando Sul se sustentam fundamentalmente em três unidades expedicionárias cujo perfil é de invasão, ataque, de resposta rápida e de ocupação. Apesar disso, dentro das tarefas de salvamento ou apoio à população atingida há outras instâncias menos explicitamente militares que intervêm, como a Agência Internacional dos Estados Unidos para o Desenvolvimento (USAID).

Outro desdobramento das forças norte-americanas no Haiti é o financiamento de 50 mil rádios portáteis para distribuir entre a população. Com a colaboração do Comando Sul e do Comando de Operações Especiais (SOCOM), a distribuição dos aparelhos será realizada por membros da Equipe de Apoio de Informação Militar (Military Information Support Team) e pela USAID, que, ainda que seja para o “desenvolvimento”, pertence ao Departamento de Defesa e com longa história vinculada a golpes militares nos anos 60 e 70⁹. O objetivo declarado consiste em chegar à população do Haiti através da programação da

⁷O mesmo ocorreu com o ataque às torres gêmeas. Alguns estudiosos e jornalistas sustentam que se tratou de um auto-atentado, a fim de justificar as mudanças drásticas da política militar que o sucederam. Neste caso, já circulam escritos baseados em informações sobre o projeto HAARP, com base no Alasca, com a hipótese da capacidade de gerar mudanças climáticas e catástrofes, como o terremoto no Haiti.

⁸Consultar Agência Venezuelana de Notícias:

<http://www.abn.info.ve/noticia.php?articulo=217451&lee=16>

⁹Esta agência acaba de ser expulsa da Bolívia por sua suposta participação na campanha de desestabilização do país e nos objetivos separatistas dos grupos oligárquicos internos junto com a Embaixada dos Estados Unidos.

Voz da América (administrada pelo International Broadcasting Bureau) e dos anúncios de serviços públicos da Força-Tarefa do Haiti, recentemente constituída.

Além da distribuição de rádios, a USAID intervém para criar as redes de dotação de ajuda humanitária em amplas regiões do país. Cabe enfatizar que se trata de uma agência muito bem capacitada para o trabalho de base em pequenas populações ou no campo, com grande experiência no estímulo a projetos, muitos deles através de ONG's locais ou internacionais. Através desse tipo de projetos a USAID tem construído ao longo de sua história uma grande estrutura de base, porém, implantada principalmente em zonas não muito controladas, como algumas fronteiras (as de Equador e Colômbia e Paraguai e Brasil, por exemplo).

Como o Haiti é um território cercado por mar e uma ilha pela metade, sua fronteira, mais que porosa, está aberta e tem sido objeto de preocupação neste momento em que, em princípio, seria de resgate humanitário. Para a vigilância do litoral, o Comando Sul colocou em operação alguns aviões não tripulados que são muito versáteis porque podem realizar espionagem e detecção de movimentos, captar sons ou imagens, lançar produtos químicos e até bombardear. Há aviões de diversos tamanhos e funções, de forma que podem atuar sigilosa ou ostensivamente, conforme se queira, e tudo isso sem arriscar vidas... dos tripulantes¹⁰.

Neste ponto, cabe perguntar: por que era tão importante impedir a saída dos haitianos para refugiar-se nos territórios vizinhos? Trata-se de criar prisões genéticas ou de algum tipo semelhante? Não se podia dar refúgio aos feridos, ainda que temporário? Por que cuidar tanto das costas litorâneas? Como são os novos cercos?

Dadas as circunstâncias, e apesar de todo esse esforço bélico, poderia-se falar de uma “invasão limpa”: o terremoto fez o trabalho sujo, sem gasto de energia bélica e sem baixas para o invasor. Não há melhor teatro de operações.

Os Estados Unidos empregaram eficientemente todo um arsenal de guerra e ocupou-se muito mais em controlar que apoiar. Fez uso das comunicações controlando não só o aeroporto, mas todos os movimentos no litoral, a ponto do vice-presidente da Bolívia, Álvaro Garcia Linera (2010), afirmar que os Estados Unidos “(...) está aproveitando uma desgraça terrível de um povo irmão para marcar presença militar permanente, numa estratégia de militarização e de controle no continente”, e o presidente Evo Morales pedir uma reunião das Nações Unidas para deter essa escalada. Porém, nem a ONU está em condições de interpelar as decisões intervencionistas dos Estados Unidos, nem os falcões estão dispostos a soltar a presa. O império tem se preocupado com a perda estratégica

¹⁰Para maiores detalhes sobre estes aviões, consultar Ceceña, Barrios e Yedra (2009).

provocada pelos processos revolucionários recentes na América Latina, a ponto de suas novas bases militares colocadas na Colômbia terem entre seus objetivos “(...) enfrentar as ameaças (...) dos governos contrários aos Estados Unidos”¹¹.

Além do navio hospital USNS Comfort, com capacidade de atendimento simultâneo de mil pacientes que curiosamente atende somente cerca de 100 pessoas por dia, colocou-se nas costas haitianas, que também estão próximas das costas cubanas (74 km), um porta-aviões nuclear (USS Carl Vinson) e dois submarinos de ataque (USS Bataan e USS Nassau). Todas essas embarcações, na verdade, são bases militares itinerantes que complementam as posições em terra e garantem maior versatilidade e flexibilidade às redes de controle militarizado.

USNS Comfort's mission



¹¹Department of the Air Force 2009 Military Construction Program, Fiscal Year (FY) 2010. Budget Estimates (Justification Data Submitted to Congress). Em Ceceña, Barrios e Yedra (2009).

Não é de hoje que o Comfort navega nessas águas, e colocou-se numa posição entre Haiti e Cuba, controlando a curva do Caribe.¹² Trata-se de um navio que transita regularmente nessa região, numa rotina de exercícios (ver mapa) que tem permitido um conhecimento bem detalhado da área. A tripulação inclui médicos, porém, como é habitual nesses tipos de exercícios e operações, há também estudiosos de áreas diversas que aproveitam para aperfeiçoar conhecimentos geológicos, biológicos, sanitários e outros e fazem explorações relacionadas ao fundo do mar e à composição dos solos e arrecifes.

Operações do USS Comfort em 2007

	Pacientes tratados	Consultas	Projetos de Construção Dirigidos pelo Seabee¹³
Belize (20-26 de jun)	1,281	3,372	Restauro de duas escolas rurais.
Guatemala (26 de jun a 2 de jul)	5,365	23,065	Reforma do Hospital Infantil Puerto Barrios Children's Hospital.
Panamá (4-10 de jul)	8,690	29,028	Melhoramento da Clínica Patricia Duncan .
Nicarágua (18-25 de jul)	8,355	28,345	Reforma do Centro de Atenção à Saúde Julio.
El Salvador (25 de jul – 1 de ago)	12,554	47,876	Reforma de várias oficinas de trabalho.
Peru (6-13 de ago)	9,360	46,441	Reforma de 3 escolas, construção de 1 teatro e 10 campos de futebol.
Equador (15-21 de ago)	12,060	51,028	Reforma de 5 prédios (escolas e clínicas).
Colômbia (22-28 de ago)	6,597	27,131	Construção de ambulatório medico em La Sierpe.
Haiti (1-8 de set)	11,833	39,533	Reforma do Centro de Saúde para treinamento.
Trinidad & Tobago (16-22 de set)	8,744	30,560	Reforma da Escola Secundária South East Port-of-Spain.
Guiana (23 de set – 1 de out)	10,081	44,608	Reforma de uma escola e centro de saúde.
Suriname (1-8 de out)	3,738	15,222	Reforma da Clínica Zanderij.

¹²Este navio atende não apenas à área do Caribe. Entre agosto de 1990 e abril de 1991, o Comfort foi enviado à área do Comando Central para atender os militares norte-americanos nas operações Escudo do Deserto e Tormenta do Deserto. De janeiro a junho de 2003, foi enviado para apoiar a operação no Iraque e durante 56 dias serviu como um centro flutuante de atenção no Golfo Pérsico.

¹³Trata-se do batalhão de construção da Marinha dos EUA. Consultar: USNS Comfort (2009).

USNS COMFORT: Continuing Promise - 2009



Os outros três navios ligados à Operação Resposta Unificada no Haiti são de ataque. O porta-aviões nuclear carrega, entre outros armamentos, mísseis. O efetivo mobilizado até 15 de fevereiro era já abundante, como mostra o quadro abaixo:

Forças de rastreamento no Haiti

Presentes em 15 de fevereiro

63 helicópteros	USS Mesa Verde	USS Bunker Hill
82nd Airborne	USS Gunston Hall	USNS Lummus
24th MEU	USS Bataan	USNS Sacagawea
22nd MEU	USS Carter Hall	USNS Henson
USNS Comfort	USS Fort McHenry	SOUTHCOM assessment /C2 team
USS Carl Vinson	USS Underwood	AF Special Ops & air control personnel
USS Nassau	USS Higgins	
USS Ashland	USS Normando	

A caminho ou em preparação para serem enviadas

USNS PFC Dewayne Williams (AK-3009)	SS Cornhusker	MV Alakai
SS Cape May	MV Huakai	USNS Big Horn
SS Gopher State		

Fonte: US Southern Command (2010a).

Com relação à organização das forças empregadas, de acordo com informações oficiais foram criadas oportunamente duas novas forças-tarefa: a Força-Tarefa Conjunta-Haiti e a 48ª. O Comando Sul dos Estados Unidos estabeleceu a Força-Tarefa Conjunta-Haiti (JTF-H) para observar os esforços de ajuda dos militares dos Estados Unidos no Haiti e nomeou o tenente-general do exército dos Estados Unidos Ken Keen como seu comandante. Mais de 20 mil militares norte-americanos, 23 navios e mais de 120 aviões estão apoiando as operações para prover ajuda e cuidado a mais de três milhões de haitianos atingidos pelo terremoto de 12 de janeiro¹⁴.

Ken Keen é o Military Deputy Commander (comandante suplente ou adjunto) do Comando Sul e tem ampla experiência na região, além de ter comandado a Força-Tarefa Ranger na Operação Tormenta no Deserto e ter feito parte do Comando Conjunto do The United States European Command (EUCOM) em 2007-2009. Trata-se de um militar bem preparado e com experiência em zonas de guerra e conflito, com trabalho recente em áreas de alto risco estratégico. Na América Latina atuou como oficial das Forças Especiais no Panamá (1977-1980); oficial do Grupo de Treinamento Militar em Honduras (1980), numa das épocas mais conflituosas da região; Comandante do Grupo Militar dos Estados Unidos na Colômbia (2001-2003), na primeira etapa do Plano Colômbia; Comandante do Exército do Sul dos Estados Unidos (2005-2007) e estudante do Comando Brasileiro e do Colégio do Comando Geral no Brasil (Brazilian Command and General Staff College) entre 1987 e 1988¹⁵. Há de se prestar atenção nesta última data e o que ela pode implicar, principalmente lembrando o papel das forças armadas brasileiras como comandantes da MINUSTAH.

A outra Força-Tarefa criada, a 48ª, tem sede exatamente em Cuba, na base de Guantánamo, e, por enquanto, ocupa-se “(...) da coordenação dos homens de terra e ar para entregar a ajuda humanitária no Haiti”, segundo Patricia Wolfe, comandante da força, lembrando ainda que “A realização desta ajuda só é possível graças à proximidade da Base Naval de Guantánamo (GTMO) com a área atingida. GTMO é, obviamente, uma posição chave para atender às necessidades estratégicas desta região”¹⁶.

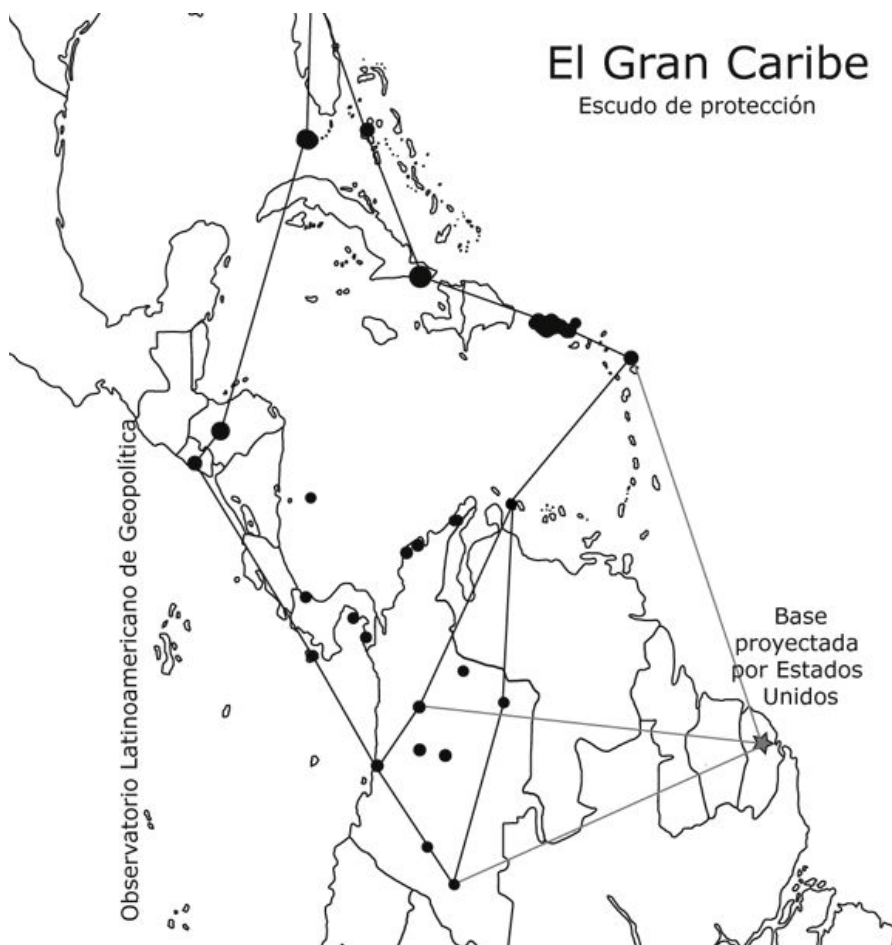
¹⁴Consultado na página de internet do Comando Sul em 29 de janeiro de 2010. Ver: US Southern Command (2010a).

¹⁵Consultar US Southern Command (2010b).

¹⁶Ver Navy.mil (2010).

Assim, talvez tenhamos uma ofensiva de guerra não contra o Haiti, mas aos seus vizinhos. As novas posições ocupadas não somente cercam o Caribe como cortam a passagem entre Cuba e Venezuela, e, através de triangulações com as bases da região, permitem isolar cada uma das ilhas caribenhas.

Cuba, dessa forma, encontra-se cercada por todos os lados, e a entrada para o Golfo do México, rico em jazidas de petróleo, fecha-se para possíveis concorrentes.



Os dois países latino-americanos que, neste momento, abastecem com as maiores quantidades de petróleo os Estados Unidos são Venezuela e México, e ambos pertencem à área do Grande Caribe ou estão circunscritos a ela. Assim, a ocupação do Haiti é, de uma só vez, econômica, geoestratégica e política. Com as duas novas forças-tarefa a partir do terremoto, uma com sede no Haiti e outra localizada em Guantánamo, pode-se afirmar que estamos no início de uma reorganização completa da estratégia militar ou, pelo menos, da parte operativa nessa região, com objetivos mais ambiciosos que no passado e preparando condições para intervir imediatamente em qualquer situação e lugar em que for necessário. Seja para atuar em conflitos sociais ou para resguardar o petróleo, ambos ficam sob o critério da defesa da segurança nacional dos Estados Unidos.

Com as antigas e as novas bases na Colômbia, as potenciais bases no Panamá, Palmerola, Guantánamo, Aruba e Curaçao, os Estados Unidos possuem uma situação de total controle de movimentos na região caribenha ou amazônico-caribenha. O México está cercado no Golfo e submetido pela Iniciativa Mérida, e, junto à Colômbia, é parte do corredor de contenção que os Estados Unidos criaram para deter os processos de transformação no continente.

Ótima jogada! O Haiti está ocupado, Cuba cercada, a IV Frota tremulando suas bandeiras em todo o Caribe e a Venezuela acossada. Porém, no Caribe não há guerra. O Caribe é uma zona de paz... e de catástrofes.

Bibliografía

- CECEÑA, Ana Esther; BARRIOS, David e YEDRA, Rodrigo (2009). *El águila despliega sus alas de nuevo*. Un continente bajo amenaza. Ecuador: Observatório Latino-Americano de Geopolítica-Fedaeps.
- LINERA, Álvaro García (2010). Bolivia teme que Haití se convierta en otra base militar estadounidense. *DiarioCoLatino.com*. San Salvador, 28 de janeiro. Disponível em: <<http://www.diariocolatino.com/es/20100119/internacionales/75895/>>.
- ESTÉUS, Sony; CHALMERS, Camille e FILS-AIMÉ, Marie Carmelle (2010). Haiti: ¿qué perspectivas después de la catástrofe? *Comité para la Anulación de la Deuda del Tercer Mundo (CADTM)*. Disponível em: <<http://www.cadtm.org/Haiti-que-perspectivas-despues-de>>
- SÁNCHEZ, José Tomáz (2010). ¿Que hacemos en Haiti? E'A: *Periódico de análises*. Asunción, 12 de janeiro. Disponível em: <<http://www.ea.com.py>>.
- USNS COMFORT (2009). *Comfort's Past Missions*. Disponível em: <<http://www.med.navy.mil/sites/usnscomfort/Pages/MSCRecentMissions.aspx>>.
- US SOUTHERN COMMAND (2010a). Helping Haiti: U.S. support to earthquake relief. Disponível em: <<http://www.southcom.mil/AppsSC/factFiles.php?id=138>>.
- US SOUTHERN COMMAND (2010b). Biography: Lieutenant General P. K. (Ken) Keen Military Deputy Commander USSOUTHCOM. Disponível em: <<http://www.southcom.mil/AppsSC/pages/dcdrBio.php>>.
- NAVY.mil (2010). Logistics Task Force Established at GTMO to Assist Haiti Relief. Disponível em: <http://www.navy.mil/search/display.asp?story_id=50733>